



Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto
Instituto Politécnico da Guarda

«Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada»

Discente: Sandra Barreiros

«Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do
Ensino Básico»

23/04/2012



Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto
Instituto Politécnico da Guarda

«Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada»

Discente: Sandra Rita de Almeida Barreiros

Orientador: Professor Doutor Fernando Carmino Marques

«Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do
Ensino Básico»

23/04/2012

RESUMO

Este relatório, que organizamos em três capítulos, descreve a Prática de Ensino Supervisionada (PES) que realizámos na escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) do Sabugal, numa turma do 2.º ano de escolaridade, entre os dias 3 de março a 12 de maio, de 2011.

Depois de descrevermos no I capítulo vários aspetos do contexto geográfico, socioeconómico e do enquadramento institucional, organização e administração escolar, além da caracterização psicopedagógica da turma, fazemos no II capítulo a apresentação da nossa experiência da prática de ensino supervisionada, tendo daí resultado a escolha do tema que nos propomos tratar: «A importância da educação artística numa turma do 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico», que analisamos no decorrer do III capítulo.

As expressões artísticas que constituem um fator motivador para a aprendizagem do aluno não nos pareceram merecer a atenção devida quando iniciámos a nossa prática de ensino supervisionada, sendo na escola do 1.º Ciclo de Ensino Básico do Sabugal remetidas para as Atividades Extracurriculares (AEC), motivo pelo qual, neste relatório, fruto da nossa experiência, chamamos a atenção para a importância que as expressões devem ter em qualquer projeto curricular, nos níveis de ensino aos quais nos referiremos ao longo deste relatório.

Palavras-Chave: 1.º CEB; Educação Artística.

ABSTRACT

This report that we organized in three chapters describes the supervised teaching practice that we achieved at the 1st Cycle Basic Education school of Sabugal, with students attending the 2nd year of scholarship, between 3rd march and 3rd may, 2011.

After describing in chapter I some aspects of the geographic context, the socioeconomic and the institutional framing, school organization and administration, beyond the psycho pedagogical characterization of the class, we make in chapter II the presentation of our experience of the supervised teaching practice, and therefore resulted the choice of the theme that we propose to deal: «The importance of the artistic education in a class of the 2nd year at 1st Cycle», that we analyzed in chapter III. The artistic expressions that really are a motivating factor for the students learning didn't seem to us, they are given the attention that they deserve, when we initiated the supervised teaching practice. In fact at the 1st Cycle of Basic Education school of Sabugal they are sent to the extracurricular activities (AEC), reason why, in this report, fruit of our experience, we call the attention to the importance that the expressions must have in any curricular project, in the levels of teaching that we refer in this work.

Key Words: 1st Cycle; Artistic Education.

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

1º CEB – Primeiro Ciclo de Ensino Básico

a.C. – antes de Cristo

AEC – Atividades Extracurriculares

APEA – Associação Portuguesa para a Educação pela Arte

ATL – Atividades de Tempos Livres

DEB – Departamento de Educação Básica

EB1 – Escola do Ensino Básico 1º Ciclo

ESEA – Escola Superior de Educação pela Arte

GNR – Guarda Nacional Republicana

INE – Instituto Nacional de Estatística

INSEA – International Association for Education Throught Art

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

ME – Ministério da Educação

MPIAEA – Movimento Português de Intervenção Artística e Educação pela Arte

PE – Projeto Educativo

PES - Prática de Ensino Supervisionada

Séc. – Século

Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e Desenvolvimento Económico

ÍNDICE GERAL

RESUMO.....	iii
ABSTRACT	iv
Glossário de siglas	v
ÍNDICE Geral.....	vi
INTRODUÇÃO.....	1
I CAPÍTULO	2
1.1. Caracterização do Meio	3
1.1.1. Situação Geográfica.....	3
1.1.2. Situação Demográfica do Concelho do Sabugal	4
1.1.3. Situação Educacional do Concelho do Sabugal	6
1.1.4. Situação Socioeconómica do Concelho do Sabugal.....	6
1.2. Enquadramento Institucional.....	8
1.3. Organização e Administração Escolar.....	9
1.4. A Escola Básica do Sabugal – Características Físicas	10
1.4.1. Funcionamento da Escola Básica do Sabugal	11
1.4.2. Caracterização da sala de aula do 2º Ano	13
1.5. Caracterização Socioeconómica e Psicopedagógica da Turma.....	14
1.5.1. Constituição familiar dos alunos do 2º Ano	15
1.5.2. Nível de escolaridade dos pais.....	16
1.5.3. Atividade profissional dos pais.....	17
II CAPÍTULO	18
2.1. Enquadramento legal e institucional.....	19
2.2. Descrição da Prática de Ensino Supervisionada	19

III CAPÍTULO	24
3.1. Justificação do tema «A importância da educação artística numa turma do 2º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico»	25
3.2. A “Educação pela Arte” – Perspetiva histórica	26
3.3. A Educação Artística no 1º CEB	27
3.4. A Educação Artística, na turma de 2º ano da EB1 do Sabugal	29
3.5. As Expressões na nossa PES	30
3.5.1. Prática da Expressão Plástica	30
3.5.2. Prática da Expressão Dramática	32
3.5.3. Prática da Expressão Musical	34
3.5.4. Prática da Expressão Físico Motora	35
3.6. Implicação para a nossa prática profissional	36
CONCLUSÃO	37
BIBLIOGRAFIA	38

Índice de Figuras

Figura 1 – Mapa do distrito da Guarda.....	3
Figura 2 – Mapa do concelho do Sabugal	4
Figura 3 – Planta da sala de aula, dos alunos do 2.º ano da EB1 do Sabugal.....	13

Índice de Fotografias

Fotografia 1 – EB1 do Sabugal.....	11
------------------------------------	----

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Tipos de família.....	15
Gráfico 2 – Nível de escolaridade dos pais	16
Gráfico 3 – Atividade profissional dos pais	17
Gráfico 4 – Inscrição dos alunos, nas AEC da EB1 do Sabugal	29

Índice de Quadros

Quadro 1 – Evolução da População Residente entre 1990 e 2001	5
Quadro 2 – Taxa de Analfabetismo.....	6
Quadro 3 – Distribuição da população do concelho pelos três setores de atividade	7
Quadro 4 – Horário da EB1 do Sabugal	12

INTRODUÇÃO

Este relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e da disciplina de Prática de Ensino Supervisionada descreve o estágio curricular que realizámos na Escola Básica do 1.º Ciclo do Sabugal.

Nele procuramos mostrar e refletir o estágio levado a cabo na já referida escola, com a professora cooperante Maria Celeste Gonçalves, numa turma de 2.º ano do 1.º CEB.

No capítulo I referimos brevemente o enquadramento institucional, tendo em conta a caracterização do concelho e da cidade do Sabugal, descrevemos também, o local da nossa prática de ensino supervisionada, fazendo uma breve referência ao agrupamento, à escola e à turma que nos foi confiada durante o nosso estágio de prática de ensino supervisionada.

No capítulo II descrevemos a nossa experiência como estagiárias e propomos uma reflexão, resultante da observação dos métodos praticados pela professora cooperante.

No último capítulo descrevemos e analisamos o tema intitulado «A importância da educação artística numa turma do 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico», que escolhemos para estudo, tendo em conta as implicações sobre a nossa prática e propomos algumas considerações sobre o tema em estudo.

I CAPÍTULO

1.1. Caracterização do Meio

1.1.1. Situação Geográfica

Situada na zona centro do país a cidade do Sabugal é banhada pelo rio Côa. A toponímia explica-se pela sua situação geográfica, como refere o historiador Afonso [1985:15] que diz que o «SABUGAL era um sítio onde cresciam sabugos ou sabugueiros, perto de um curso de água (...)».

A cidade tem atualmente 2 362 habitantes, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) do ano de 2008.¹

Possuiu oito equipamentos de apoio à infância, à juventude e aos idosos, cinco pertencentes à Santa Casa da Misericórdia do Sabugal (Creche, Jardim-de-infância, Atividade de Tempos Livres (ATL), Centro de dia e Lar de Terceira Idade); um Jardim-de-Infância Público; uma Escola de 1º Ciclo e outra de 2º e 3º Ciclo.

Do ponto de vista geográfico, a cidade do Sabugal pertence ao distrito da Guarda, distrito ao qual pertencem 14 concelhos, entre os quais o do Sabugal, como podemos ver pela figura 1:



Figura 1 – Mapa do distrito da Guarda

Fonte: <http://www.dholmes.com/master-list/guarda/map-guarda.html>, consultado a 20 de janeiro de 2012.

¹ http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main, consultado a 30 de junho de 2011.

Delimitado a norte pelo concelho de Almeida, a sul por Penamacor, a sudoeste pelo Fundão, a oeste por Belmonte, a noroeste pelo concelho da Guarda, o concelho do Sabugal, que a leste faz fronteira com Espanha, abrange uma área total de 823,1km² e, é constituído por 40 freguesias, conforme se pode ver no respetivo mapa do concelho (cf. fig. 2):



Figura 2 – Mapa do concelho do Sabugal

Fonte: <http://lomba.no.sapo.pt/concelho/index.htm>, consultado em 24 de janeiro de 2012.

1.1.2. Situação Demográfica do Concelho do Sabugal

Vamos agora apresentar alguns indicadores demográficos, socioeconómicos e educacionais deste concelho do interior de Portugal. Dados que retirámos da “Carta Educativa do Concelho do Sabugal”² e do “Pré-diagnóstico do Concelho do Sabugal”³.

² http://web.cm-sabugal.pt/files/carta_edu/carta_educativa_concelho_sabugal.pdf, consultado a 3 de março de 2011

³ http://web.cmsabugal.pt/files/conteudos/apoio_ao_municipe/gab_acciao_social/rede_social/documentos/pre_diagnostico_final.pdf, consultado a 3 de março de 2011

Começaremos por expor a situação demográfica da população deste concelho, com o intuito de verificarmos as alterações que nele se têm efetuado (cf. quadro 1):

Quadro 1 – Evolução da População Residente entre 1990 e 2001

Anos	1900	1920	1940	1950	1960	1970	1981	1991	2001
Concelho do Sabugal	33 047	34 750	41 909	43 513	38 062	23 371	18 927	16 919	14 871

Fonte: Carta Educativa do Concelho do Sabugal⁴

Da análise deste quadro verificamos que, com o decorrer do tempo, a população do concelho do Sabugal tem vindo a diminuir. Se no ano de 1950 o número de habitantes era de 43513, em 2001 o seu número não ultrapassava os 14871. No ano de 2011, segundo dados provisórios recolhidos pelos Censos, a população passou a ser constituída por 12544 habitantes⁵. Este decréscimo populacional explica-se quer pela emigração quer pela migração para outras cidades de maior dimensão, com mais desenvolvimento e consequentemente maior possibilidade de se encontrar emprego.

⁴ http://web.cm-sabugal.pt/files/carta_edu/carta_educativa_concelho_sabugal.pdf, consultado a 3 de março de 2011

⁵ http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao, consultado a 6 de março de 2012

1.1.3. Situação Educacional do Concelho do Sabugal

O índice de analfabetismo neste concelho tem vindo a diminuir conforme se pode verificar no quadro 2 no qual se compara o concelho do Sabugal, a Região Centro e o resto do país.

Quadro 2 – Taxa de Analfabetismo

Zona Geográfica	Taxa de Analfabetismo (%)	
	1991	2001
Portugal	11,0	9,0
Região Centro	14,0	10,9
Sabugal	26,3	22,1

Fonte: INE, Censos 2001 no pré-diagnóstico do concelho do Sabugal⁶

Se a taxa de analfabetismo era em 1991 de 26,3%, no ano de 2001 passou para os 22,1%. Verifica-se pois um ligeiro decréscimo. Mas, ao compararmos estes dados com a região centro e o resto do país podemos verificar que a taxa de analfabetismo é ainda muito elevada neste concelho do interior do país, sendo superior em mais de 12% relativamente à região centro do país e de mais de 15% em relação ao resto do país. Convém ainda referir que os resultados dos Censos de 2011 ainda não se encontram disponibilizados.

1.1.4. Situação Socioeconómica do Concelho do Sabugal

Para concluirmos a caracterização deste concelho vejamos agora alguns indicadores socioeconómicos, mais concretamente os setores de atividade, pois permitem-nos uma perspetiva sobre as atividades profissionais da população deste concelho.

⁶http://web.cmsabugal.pt/files/conteudos/apoio_ao_municipo/gab_acciao_social/rede_social/documentos/pre_diagnostico_final.pdf, consultado a 3 de março de 2011

No quadro 3 mostramos a evolução nos setores económicos de 1991 e 2001, pois os de 2011, ainda não se encontram disponíveis.

Quadro 3 – Distribuição da população do concelho pelos três setores de atividade

Setor de atividade	1991			2001		
	Total	H	M	Total	H	M
Setor Primário	2 450	1 603	847	859	579	280
Setor Secundário	1 489	1 049	440	1 500	1 042	458
Setor Terciário	1 720	994	726	2 204	1 057	1 147
Total	5 659	3 646	2 013	4 563	2 678	1 885

Fonte: INE 1991 e 2001 no pré-diagnóstico do concelho do Sabugal⁷

Neste quadro verificamos que 1) o setor primário registou uma quebra bastante significativa de população ativa, quer masculina, quer feminina; 2) o setor secundário manteve a sua população ativa nos dez anos que servem de comparação; 3) no setor terciário houve um aumento significativo de população de ambos os sexos, setor que inclui o maior número de população ativa do concelho (2204).

Os dados apresentados revelam por um lado que a população do concelho abandonou o setor primário, e por outro que a população ativa no setor terciário aumentou.

⁷http://web.cmsabugal.pt/files/conteudos/apoio_ao_municipo/gab_acciao_social/rede_social/documentos/pre_diagnostico_final.pdf, consultado a 3 de março de 2011

1.2. Enquadramento Institucional

O ensino básico é a primeira grande etapa de escolaridade obrigatória. Até então as crianças não são obrigadas a frequentar qualquer estabelecimento de ensino.

A escola constitui uma experiência onde a criança poderá realizar várias aprendizagens que vai efetuando nesta fase da sua vida, e é uma etapa fundamental para o seu desenvolvimento a nível físico, cognitivo e socio emocional. A aquisição de novos conhecimentos possibilita à criança o processar da informação, de a conseguir organizar, e aplicá-la noutras situações, a aprendizagem é um processo fundamental para o desenvolvimento cognitivo da criança. O contexto escolar tem como intenção proporcionar à criança o contacto com outras crianças, professores, assistentes operacionais, e também a aprendizagem de novos conhecimentos. Essas aprendizagens devem ser «(...) ativas, diversificadas, integradas e socializadoras que garantam, efetivamente, o direito ao sucesso escolar de cada aluno.», como refere a Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo [2004:23].

A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) refere, no artigo 6º, que a frequência do ensino básico é de carácter universal, obrigatório e gratuito. Indicando também que um dos objetivos deste ensino é assegurar uma formação geral como refere o artigo 7º:

Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social.⁸

Estes objetivos descritos na lei de base devem ser aplicados na prática, para que se possam formar seres humanos autónomos, ativos, responsáveis e capazes é necessário percorrer um longo caminho.

⁸ <http://legislacao.min-edu.pt/np4/133>, consultado a 10 de março de 2011

1.3. Organização e Administração Escolar

Um agrupamento de escolas, de acordo com o decreto-lei 115/A de 4 de maio (redação dada pela Lei 24/99 de 22 de abril), apresenta-se como «(...) uma unidade organizacional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, constituída por estabelecimentos de educação pré-escolar e de um ou mais níveis de ensino»⁹. O despacho n.º 13313/2003 (publicado a 3 de julho no Diário da República, n.º 155, 2.ª série), do Secretário de Estado na Administração Educativa, Abílio Morgado, considera fundamental a concretização do processo de agrupamento de escolas, processo que tem previsto (decreto-lei n.º 115-A/98) determinados objetivos um deles consiste em agrupar todas as escolas localizadas no território continental português e integrá-las em unidades de gestão, de acordo com o regime de autonomia, administração e gestão das escolas. O outro é privilegiar os agrupamentos verticais, tendo em conta o favorecimento de um percurso articulado e sequencial dos alunos abrangidos pela escolaridade obrigatória numa dada área geográfica, elemento essencial para a eficiência na qualidade das aprendizagens, sendo apenas admitidos agrupamentos horizontais em casos excecionais, com a devida fundamentação do respetivo diretor regional de educação. Como refere Dias et al [1998:19] a autonomia da escola é muito importante a vários níveis para as escolas pois:

A autonomia da escola exerce-se de competências próprias em vários domínios, como a gestão de currículos e programas de atividades de complemento curricular, na orientação acompanhamento de alunos, na gestão de espaços e tempos de atividades educativas, na gestão e formação do pessoal docente e não docente, na gestão de apoios educativos, de instalações e equipamento e, bem assim, na gestão administrativa e financeira.

⁹ <http://legislacao.min-edu.pt/np4/133>, consultado em, 10 de março de 2011

A autonomia concretiza-se através de um Projeto Educativo (PE) próprio elaborado por toda a comunidade educativa, que todas as escolas possuem. O PE segundo Costa [1997:10] é um:

Documento de carácter pedagógico que, elaborado com a participação da comunidade educativa, estabelece a identidade própria de cada escola através da adequação do quadro legal em vigor à sua situação concreta, apresenta o modelo geral de organização e os objetivos pretendidos pela instituição, e enquanto instrumento de gestão é o ponto de referência orientador na coerência e unidade da ação educativa.

Neste caso a Escola Básica n.º 1 (EB1) do Sabugal pertence ao Agrupamento de Escolas do Sabugal, e é um agrupamento vertical. O agrupamento vertical integra os diferentes níveis de ensino, desde o pré-escolar, primeiro, segundo e terceiro ciclos.

1.4. A Escola Básica do Sabugal – Características Físicas

Situada no Largo da Fonte, a EB1 do Sabugal é um estabelecimento de ensino básico da rede pública. A construção do edifício é de pedra, possui dois pisos, com uma área de 410 m², contém ainda dois pátios exteriores (um em terra batida e outro cimentado) com cerca de 1600 m², não possuiu nenhum pátio coberto (cf. fot. 1). É ainda de salientar que o estabelecimento não possui equipamentos lúdicos, como baloiços ou escorregas, para que as crianças se possam distrair.



Fotografia 1 – EB1 do Sabugal

Fonte: Própria

No primeiro piso existem seis salas com bastante luminosidade e aquecimento central. Estas têm uma área de 48 m². Neste piso existe ainda um corredor, duas casas de banho para os alunos (uma para o sexo feminino e outra para o sexo masculino), uma sala para as assistentes operacionais e uma pequena arrecadação para guardar material diverso.

No segundo piso além de duas salas de aula, encontra-se uma sala para apoio educativo; uma sala de informática; a sala da diretora da escola; três casas de banho (duas para os alunos e outra para os funcionários); um salão com um palco, com uma área de 143 m², que serve de recreio nos dias chuvosos e mais frios.

1.4.1. Funcionamento da Escola Básica do Sabugal

No ano letivo de 2010/2011, a EB1do Sabugal tinha oito turmas, duas por cada ano de escolaridade.

O número total de alunos era de 154: 31 alunos do 1º Ano; 48 alunos do 2º Ano; 41 alunos do 3º Ano e 39 alunos do 4º Ano.

Neste ano letivo, trabalhavam nesta escola 14 pessoas: 10 professores e 4 assistentes operacionais. Estes últimos efetuam a limpeza da escola e vigiam os alunos à entrada, no recreio, e à saída.

A EB1 do Sabugal funciona de segunda a sexta com o horário seguinte: 9h00 - 12h00 e 13h30m - 17h30m. Todas as turmas da EB1 do Sabugal se regem pela seguinte distribuição horária: 8 horas destinadas à língua portuguesa, 7 horas à matemática, 5 horas ao estudo do meio e 5 horas às áreas das diferentes expressões, como se pode comprovar no quadro 4.¹⁰

Quadro 4 – Horário da EB1 do Sabugal

Horário	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9h00/10h30m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10h30m/10h50m	INTERVALO				
10h50/12h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Estudo Do Meio	Estudo Do Meio
12h00/13h30m	ALMOÇO				
13h30/14h30m	Língua Portuguesa	Estudo Do Meio	Estudo Do Meio	Matemática	Língua Portuguesa
14h30m/14h40m	INTERVALO				
14h40m/15h30m	Expressões	Expressões	Expressões	Expressões	Expressões
15h30m/15h45m	INTERVALO				
15h45m/16h30m	AEC	AEC	AEC	AEC	AEC
16h30m/16h45m	INTERVALO				
16h45m/17h30m	AEC	AEC	AEC	AEC	AEC

Fonte: Própria

¹⁰ Elaborado com base na informação retirada do “Projeto Curricular de Turma”, gentilmente cedido pela docente Maria Celeste Gonçalves.

1.4.2. Caracterização da sala de aula do 2º Ano

A sala de aula dos alunos do 2º ano da EB1 do Sabugal é um espaço bastante luminoso. Tem vinte e quatro carteiras individuais e respectivas cadeiras, estão distribuídas por seis filas de quatro carteiras cada uma; um quadro negro; um lavatório; dois armários; uma mesa para o computador, e a secretária da professora. Embora pareça uma sala espaçosa, não o é, pelo menos para esta turma, devido ao elevado número de alunos e ao mobiliário existente torna-se difícil circular pela sala, como se pode imaginar pela figura 3.

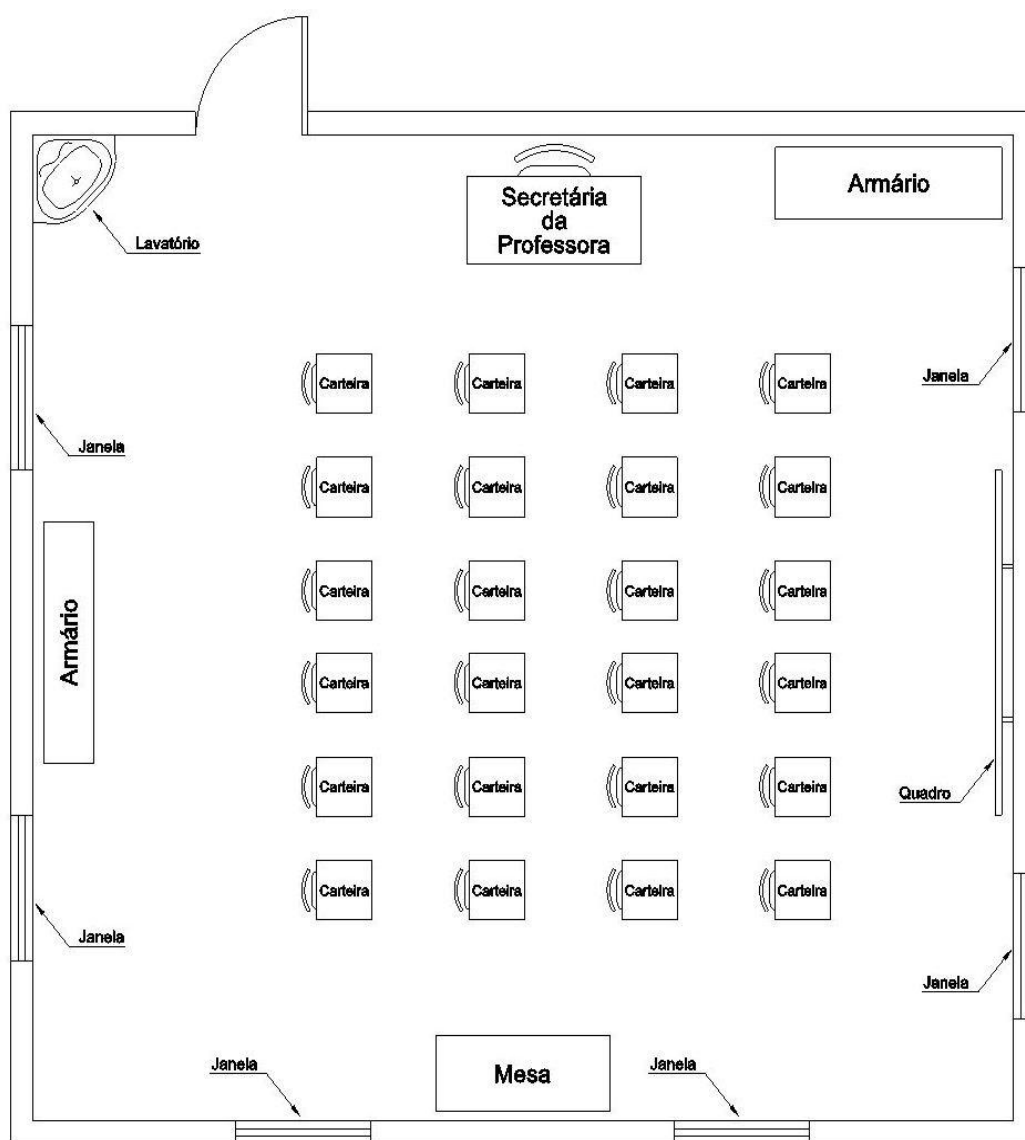


Figura 3 – Planta da sala de aula, dos alunos do 2.º ano da EB1 do Sabugal

Fonte: Própria

1.5. Caracterização Socioeconómica e Psicopedagógica da Turma

Constituída no início por 25 alunos, a turma de 2º Ano da EBI do Sabugal acabaria por ficar com 24 alunos, devido à desistência de um deles. Com idades compreendidas entre os sete e os dez anos de idade, 15 destes alunos são do sexo feminino e 9 do sexo masculino.

Provenientes na sua maioria de famílias da classe média, a maior parte destes alunos reside na cidade do Sabugal.

Do ponto de vista psicopedagógico não existem casos especiais a salientar, exceto um aluno que devido às dificuldades na expressão oral era acompanhado por uma terapeuta da fala uma vez por semana, à quinta-feira.

Quanto à capacidade cognitiva da turma, constatamos a existência de dois grupos distintos: um sem grandes dificuldades de compreensão nas diferentes áreas, o outro demonstrando sérias dificuldades na aprendizagem, quer da matemática quer da língua portuguesa.

Se na sua maioria a turma era bastante participativa e dinâmica, alguns dos alunos por timidez ou insegurança só participavam na aula depois de o professor os ter interpelado.

Para caracterizar a turma que temos vindo a descrever parece-nos indispensável conhecer um pouco sobre as suas famílias. A família é uma forma de socialização primária, pois através dela são transmitidos às crianças conhecimentos, valores e normas de conduta social que condicionam as suas formas de aprendizagem e de comunicação. Para poder moldar o seu comportamento a criança necessita de adquirir regras que a ajudam ao longo do seu crescimento. Regras que lhes são transmitidas pela família, a escola, os media e os amigos já numa fase mais avançada. No entanto, hoje em dia, a família que deveria ser o primeiro agente de socialização, está cada vez mais remetida para segundo plano, pois as crianças passam mais tempo nas escolas, e também alguns dos pais exigem que a escola faça o trabalho que deveria ser feito pela família.

Para fazermos a caracterização da turma em questão recolhemos dados, cedidos pela professora cooperante Celeste Gonçalves, relativos à constituição familiar, ao nível de escolaridade dos pais e à sua profissão.

1.5.1. Constituição familiar dos alunos do 2º Ano

A estabilidade familiar é sem dúvida um ponto importante na vida das crianças. No gráfico que elaborámos (cf. gráf. 1), constatámos dois tipos de família: a nuclear e a monoparental.¹¹

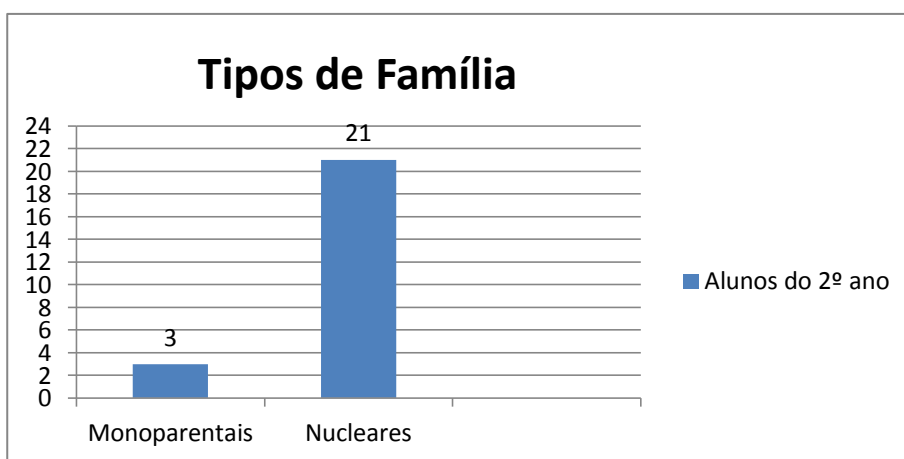


Gráfico 1 – Tipos de família

Fonte: Própria

Embora atualmente a família nuclear não seja a única forma de organização familiar, verificamos através da análise deste gráfico que a maior parte das famílias dos alunos da turma EB1 do Sabugal é do tipo nuclear, constituída pelo pai, mãe e irmãos, se houver, apenas 3 alunos da turma fazem parte de uma família monoparental, que é constituída por um só elemento, sendo o caso mais frequente a mulher que vive sozinha com o(s) filho(s). Os casos em que as crianças vivem sozinhas com o pai são mais raros. Na turma com a qual efetuámos a nossa prática de ensino supervisionada as crianças nesta situação viviam com a mãe, podendo muitas vezes, esta situação dar origem uma instabilidade emocional que se pode repercutir na escola.

¹¹ Os gráficos aqui reproduzidos têm por base o “Projeto Curricular de Turma”, gentilmente cedido pela professora cooperante Celeste Gonçalves.

1.5.2. Nível de escolaridade dos pais

Apresentamos agora o nível de escolaridade dos pais, através do gráfico 2:

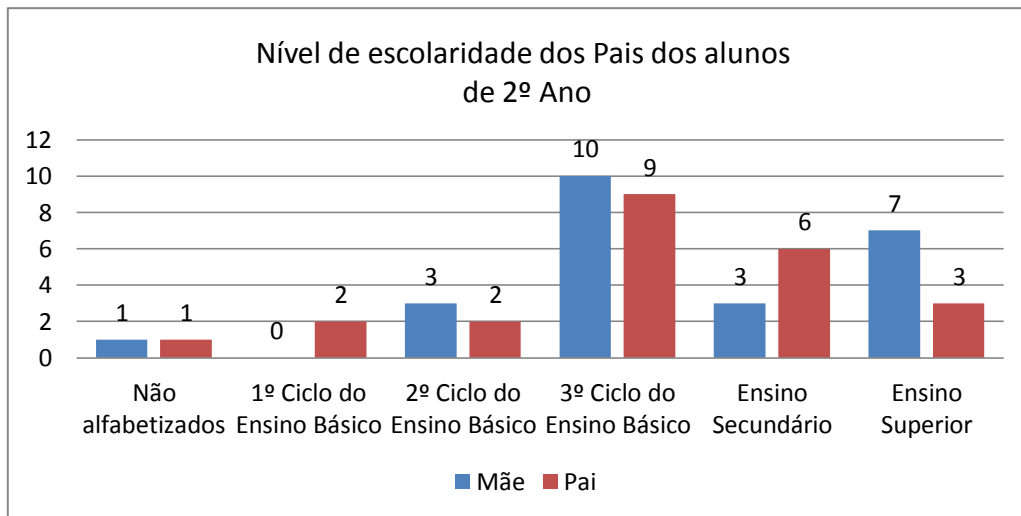


Gráfico 2 – Nível de escolaridade dos pais

Fonte: Própria

Como se pode verificar pelo gráfico 2, a maioria dos pais, homens e mulheres, frequentou o 3.º CEB. Seguindo-se os pais, homens e mulheres, cujos estudos estão no nível de ensino superior e secundário. Neste gráfico vemos também que apenas, um pai e uma mãe não frequentaram qualquer estabelecimento de ensino.

Os pais cujo nível de escolaridade é mais elevado tendem a apoiar mais os filhos nas tarefas relacionadas com o estudo. Verificamos que os alunos com maior aproveitamento escola eram incentivados em casa. Os alunos cujos pais tinham menor nível de escolaridade apresentavam maiores dificuldades na sua progressão escolar.

1.5.3. Atividade profissional dos pais

Para concluirmos o presente capítulo vejamos agora quais as atividades exercidas pelos pais (cf. gráfico 3):

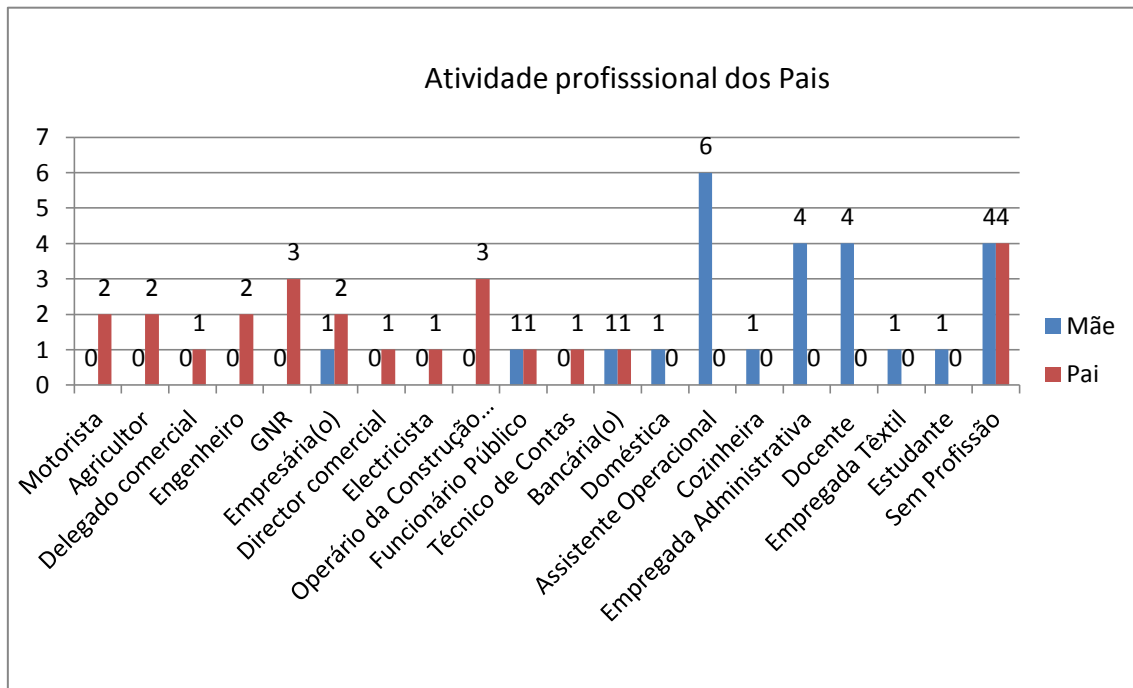


Gráfico 3 – Atividade profissional dos pais

Fonte: Própria

No que diz respeito à atividade profissional dos pais (homens e mulheres) das crianças da turma em estudo, podemos verificar que exercem profissões bastante diversificadas. Na sua maioria as mulheres são assistentes operacionais, empregadas administrativas, professoras, e quatro delas não exercem qualquer profissão. Os homens têm também profissões variadas, são operários da construção civil, guardas (GNR), engenheiros, agricultores. Quatro homens não exercem nenhuma profissão, número igual ao das mulheres na mesma situação.

A análise destes dados permite-nos afirmar que a classe social dominante nesta turma é a classe média.

II CAPÍTULO

2.1. Enquadramento legal e institucional

A nossa PES foi realizada na EB1 do Sabugal, numa turma do 2º ano, com um número total de 24 alunos, conforme referimos no I capítulo.

Entre os meses de março, abril e maio de 2011, além de termos assistido a um dia completo no 1º CEB, realizámos oito regências, às quintas-feiras. Período que nos pareceu insuficiente, tendo em conta o tempo necessário para a nossa adaptação quer aos alunos, quer à professora cooperante e ao seu método de ensino. Dia bastante útil porque nos permitiu ver e analisar o método de ensino por ela utilizado durante as suas regências. Permitiu-nos também conhecer os alunos, as suas rotinas, os seus interesses, e também as suas capacidades.

A PES constitui uma fase essencial, e de extrema importância, visto representar um momento essencial para nós futuros docentes, podendo assim aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo da nossa formação. É um percurso essencial que contribui para termos as bases suficientes para efetuarmos um bom trabalho, e também para promovermos uma postura crítica e reflexiva em relação aos desafios que possam surgir no nosso futuro quotidiano profissional.

2.2. Descrição da Prática de Ensino Supervisionada

A observação à prática de ensino efetuada à professora cooperante, como referimos, foi apenas de um dia. Feitas as apresentações por parte da professora titular da turma, Celeste Gonçalves, os alunos apresentaram-se individualmente tendo referido na sua apresentação o nome, a idade e o local de residência.

A professora cooperante iniciou a sua aula com a prática da língua portuguesa, lendo a poesia «A Água». Seguidamente, todos os alunos leram em voz alta uma parte da poesia. Nesta atividade verificamos que havia alunos com dificuldades na leitura, enquanto outros liam facilmente. Após a leitura do poema, a professora passou à sua interpretação, e colocou depois várias perguntas à turma. Seguidamente, a professora aprofundou o estudo da gramática (nomeadamente os verbos nos tempos: presente, passado e futuro). Finalizou a prática da língua portuguesa com um exercício realizado pela turma com a ajuda da professora: um diálogo entre uma gotinha de água e uma

nuvem, escrito primeiramente no quadro sendo depois copiado para os respectivos cadernos diários. Tudo isto durante a manhã, com um recreio pelo meio.

No início da tarde, a professora cooperante, Celeste Gonçalves, lecionou a matemática. Dando início a esta matéria com questões orais colocadas aos alunos sobre cálculo mental, exercício bastante importante e recomendado, pela Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo [2004:172] que refere:

No 1º ciclo deve ser dada especial importância ao cálculo mental. A criança deve habituar-se, desde o início, a considerá-lo como o primeiro dos recursos a utilizar para obter um resultado. Ao calcular mentalmente, a criança aprende:

- a lidar com o número como parte de uma estrutura e não vê-lo como um símbolo de uma quantidade;
- a utilizar as propriedades das operações com um objetivo útil;
- a fazer estimativas que irão contribuir para se tornar crítica relativamente aos resultados dos cálculos obtidos, utilizando algoritmos ou a máquina de calcular.

Através de vários exercícios realizados no quadro, a professora apresentou a dezena, a centena, e os operadores numéricos que posteriormente foram copiados pelos alunos nos respectivos cadernos.

Tal como na prática da língua portuguesa verificámos dificuldades por parte dos alunos nessa área. A professora, neste caso, chamou ao quadro os alunos com maiores dificuldades para que estes realizassem exercícios mais simples, enquanto os outros alunos tinham de efetuar exercícios com maior grau de dificuldade. Esta estratégia pareceu-nos adequada ao grupo pois os alunos com maiores dificuldades foram incentivados a continuar os seus esforços.

Depois da língua portuguesa e da matemática o dia terminou com a pintura e recorte dum palhaço, atividade que não foi concluída pela maioria dos alunos dado que o tempo era escasso para a realização da mesma. O único dia que nos foi permitido observar a regência da professora cooperante, Celeste Gonçalves, terminou com uma análise do que tinha sido a sua prática de ensino e os temas que deveríamos lecionar

seguidamente na nossa PES pessoal. Durante a conversa a professora revelou-nos não dar grande importância às expressões (apesar destas constarem do horário semanal, conforme se pode ver no quadro 4), uma vez que as remete para as AEC, não sendo assim incluídas no horário da aula da professora. Quando perguntámos à professora porque não incluía as expressões nas suas aulas, esta respondeu-nos que considerava mais importante para os seus alunos saber ler e escrever corretamente e estudar a matemática. Resposta que suscitou em nós uma reflexão e está na origem da escolha do tema que iremos desenvolver no próximo capítulo intitulada «A importância da educação artística numa turma do 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico».

Não concordando com a opinião da professora, sugerimos durante a prática da língua portuguesa que observámos que esta incluísse durante a mesma, a prática da expressão dramática tendo proposto uma dramatização da história da gotinha de água e da nuvem que tinha sido realizada pelos alunos. Não necessitando de qualquer tipo de material, bastando utilizar a voz e a expressão corporal dos alunos, facilitando assim a interdisciplinaridade sem necessidade de se recorrer a quaisquer acessórios, como aliás refere Sousa [1979b:59)] «A dramatização não necessita de acessórios reais nem de material minucioso e exato. Quanto mais pobre de material, melhor poder criador oferece à imaginação».

Relativamente à observação da prática de ensino da professora cooperante e ao seu método de ensino, pensamos que esta utilizou em excesso o manual e o livro de fichas, não utilizando como poderia outro tipo de material pedagógico mais diverso e atrativo. Por outro lado verificámos também que embora o diálogo tenha sido um recurso comunicativo utilizado pela professora para tentar captar a atenção dos alunos, nem sempre produziu efeito porque alguns alunos estavam distraídos entretendo-se com o seu material escolar.

Passemos agora à reflexão sobre a nossa prática ensino supervisionada. As regências foram o culminar de um longo caminho efetuado ao longo dos meses, em que estivemos em formação. Foram sempre efetuadas em conjunto com a professora cooperante que sempre nos auxiliou.

A primeira vez que entrámos na sala de aula para realizar a nossa PES surgiram dúvidas tais como o facto de não sabermos se seríamos capazes de ensinar neste nível

de ensino, dúvidas que se mantiveram durante as primeiras regências. Em primeiro lugar não conhecíamos bem a turma dado que apenas tivemos um dia de observação, não sabíamos o nome de todos os alunos, e em segundo não sabíamos se podíamos alcançar os objetivos descritos nas nossas planificações.

Durante a nossa PES propusemos diferentes temas, por exemplo: “A poesia”, “A narrativa”, “Os Provérbios”, “As regras de convivência”, “As plantas (aromáticas e medicinais)”, “A primavera”, “Os itinerários”, “Os operadores numéricos”, “O milhar”; temas que foram devidamente contextualizados nas suas respectivas áreas de conteúdo: língua portuguesa, matemática, estudo do meio, e expressões (plástica, dramática, musical e físico-motora). Procurámos assim incluir nas diversas áreas as práticas das expressões (plástica, dramática, musical e físico-motora), fazendo interdisciplinaridade que deve ser dinamizada entre as diversas áreas, tal como Olga Pombo et al [1993:16] o defendem:

(...) interdisciplinaridade apresenta-se como prática de ensino que promove o cruzamento de saberes disciplinares, que suscita o estabelecimento de pontes e articulações entre domínios aparentemente afastados, a confluência de perspectivas diversificadas para o estudo de problemas concretos.

Expressões que se revelaram de grande utilidade porque motivaram e estimularam os alunos para a aprendizagem das diversas matérias. Embora ao longo das regências realizadas umas tivessem corrido melhor do que outras, considerámos que no seu conjunto foram proveitosas, pois também aprendemos com os erros. Desta experiência ficamos conscientes da necessidade de continuar a trabalhar para virmos a ser melhores professores.

Outro fator que nos parece relevante foi a motivação que introduzimos nas aulas, pois é um fator importante para a criança aprender. Por exemplo, numa regência apresentamos um texto intitulado “A primavera”, sendo devidamente explorado na área da língua portuguesa, incluímos depois a expressão dramática como fator motivacional para estas crianças. A dramatização do texto foi do agrado destes alunos e estes empenharam-se na concretização da atividade proposta. Mas, também aconteceu o contrário quando não existiu esta motivação, essencialmente nas primeiras regências

tornou-se mais complicado captar a sua atenção, pois os alunos sentiam-se um pouco desmotivados. Assim, como as primeiras regências não tinham corrido como previsto, tentamos utilizar estratégias que facilitassem as aprendizagens dos alunos para que estes se sentissem motivados para a realização das atividades que íamos propondo. As crianças devem concretizar as suas aprendizagens de forma ativa, significativa, diversificada, integrada e socializadora, como vem referido na Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo [2004:23]. As aprendizagens ativas são bastante importantes, nomeadamente a realização de experiências nas quais os alunos podem manipular diversos objetos e retirarem eles próprios as suas conclusões. Na regência n.º 8, na área de estudo do meio, levámos vários materiais para medir a sua flexibilidade, resistência e combustibilidade para que os alunos testassem os diferentes materiais e aprofundassem o seu conhecimento.

Durante a nossa PES, na sala de aula tivemos a necessidade de reajustar as estratégias, pois nesta turma existiam alunos com ritmos de aprendizagem diferentes. Sentimos certas dificuldades, devido ao facto de os alunos com maiores capacidades de aprendizagem terminarem rapidamente os exercícios propostos e distraírem os colegas que ainda não os tinham terminado. Uma estratégia seguida foi dar-lhes outras atividades para que eles se mantivessem ocupados e sem perturbar os colegas. Outra situação que constatámos foi o facto de alguns alunos necessitarem de alguma atenção pessoal, mas, devido ao número elevado de alunos na turma, nem sempre foi possível dar-lhes essa atenção pessoal. Estas são situações que o professor vai encontrar ao longo da sua carreira, a nossa prática serviu-nos pois para melhor nos prepararmos para a realidade do que é ser professor.

Durante a PES foram muitos os momentos de insegurança, de algum cansaço, pois tornou-se complicado conciliar a nossa atividade profissional com as regências, mas este esforço valeu a pena uma vez que alguns dos alunos com mais dificuldades apresentaram uma ligeira evolução. A nossa PES permitiu também que trocássemos experiências com colegas de estágio e professores da EB1 do Sabugal, tendo contribuído para o nosso enriquecimento pessoal.

III CAPÍTULO

3.1. Justificação do tema «A importância da educação artística numa turma do 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico»

A escolha do tema que durante este capítulo analisaremos «A importância da educação artística numa turma do 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico» partiu da nossa observação à professora titular da turma, de 2º ano, da EB1 do Sabugal, local da realização da nossa PES. Como referimos no capítulo anterior, no ponto 2.2., em nosso entender a professora não dava a atenção devida às expressões não as incluindo na sua prática diária por achar ser menor o seu valor pedagógico.

Apesar do “plano de estudos” do Ministério da Educação (ME) contemplar para este nível etário, oito horas por semana para a língua portuguesa, sete horas para a matemática, cinco horas para o estudo do meio, as restantes cinco horas, que sobram no horário ficam disponíveis para o docente trabalhar as áreas das expressões, ou então como reforço das áreas curriculares (língua portuguesa, matemática e estudo do meio).¹² Das cinco horas que a professora dispõe para a prática das expressões esta prefere utilizá-las para reforçar as outras áreas curriculares (língua portuguesa, matemática e estudo do meio), consideradas pela professora como áreas prioritárias. Embora saibamos que é uma opção da professora, parece-nos uma decisão errada, pois retira aos alunos a possibilidade de alargar os seus conhecimentos através das expressões.

Assim, pensamos que a educação efetuada através das expressões artísticas podem promover a formação do aluno, como refere Santos [1977:116] quando escreve que:

(...) a formação do indivíduo pela integração e harmonia de experiências e aquisições, facilitando mesmo o aproveitamento escolar geral e especial, num equilíbrio físico e psíquico.

¹² <http://www.min-edu.pt/index.php?s=white&pid=555>, consultado a 20 de abril de 2011

Opinião reforçada por Reis [2003] para quem:

A Educação pela Arte é um método de educação que favorece o aumento das conexões cerebrais, de forma harmoniosa e agradável, ou seja, desenvolve a inteligência, a memória e a criatividade.

Apesar destes, entre outros, autores confirmarem a grande importância da educação pela arte, na escola de 1º CEB as artes são colocadas um pouco de lado, enquanto por exemplo no ensino pré-escolar estas são bastante exploradas, facilitando a aprendizagem das crianças. Se assim acontece no pré-escolar o mesmo deveria acontecer no 1º CEB.

3.2. A “Educação pela Arte” – Perspetiva histórica

Muito embora a noção de educação pela arte tenha surgido no séc. IV a.C. (Platão afirmou que a arte deveria ser a base da educação, Reis [2003:33]), foi necessário esperar até 1940 para que se desse o grande impulso do método designado “Educação pela Arte” que teve um maior fulgor a partir de 1960 quando Herbert Read (juntamente com Walter Smith, um dos grandes percursores deste método) defendeu a ideia que “Educar pela Arte é Educar para a Paz”, tendo publicado em 1943 o livro «Educação pela Arte», publicação que viria a impulsionar um movimento chamado *International Association for Education Through Art* (INSEA) que defendia a ideia «A Educação pela Arte», movimento que se espalhou por todo o mundo, incluindo Portugal, tendo sido criada em 1956 a Associação Portuguesa para a Educação pela Arte (APEA) que reunia um conjunto de intelectuais portugueses, entre os quais se destacaram Almada Negreiros (artista plástico e escritor), João Freitas Branco (compositor e matemático), Alice Gomes (escritora), João dos Santos (psicanalista e escritor), Manuel Maria Calvet (artista plástico e professor). A primeira medida da APEA consistiu na introdução do método de educação pela arte nos colégios onde existia o ensino pré-primário, e só no final dos anos 70 se institucionalizou o ensino das artes no ensino oficial.

O português Arquimedes da Silva Santos teve também um papel bastante importante para a integração das artes na educação. Fundou a primeira escola-piloto, com a finalidade de formar Educadores e Professores pela Arte, em 1971, esta mudou de nome para Escola Superior de Educação pela Arte (ESEA), onde lecionou a disciplina de *Psicopedagogia das Expressões Artísticas*, que propõe uma educação para a sensibilidade, para a criatividade, uma educação que visa a realização plena da pessoa, no respeito pela sua verdadeira realidade, enquanto indivíduo e ser social. Esta escola viria a ser encerrada pelo Ministério da Educação sem que para isso tenha sido dada uma justificação plausível.

Com a criação da LBSE, no ano de 1986 deu-se relevo ao ensino artístico. A importância atribuída pela reforma educativa à educação estética e artística veio salientar a ideia de que estas desempenham um papel importante no desenvolvimento e formação integral da criança, nomeadamente no desenvolvimento das suas capacidades afetivas, lúdicas, expressivas e cognitivas, contribuindo para a formação pessoal e social da criança.

No ano de 1994 foi fundado o Movimento Português de Intervenção Artística e Educação pela Arte (MPIAEA) iniciado por pedagogos, artistas e professores de diferentes áreas nomeadamente da educação, da cultura e das artes.

3.3. A Educação Artística no 1º CEB

No 1º CEB a Educação Artística é desenvolvida através de quatro grandes áreas: a expressão plástica, a expressão musical, a expressão dramática e a expressão físico-motora, mas o desenho, a pintura, a dança, o canto, a escrita, a dramatização, a escultura, o teatro nem sempre estão presentes nas escolas do 1º CEB. Apesar de a Arte ser uma forma da criança poder exprimir as suas ideias, sentimentos e emoções, a Educação pela Arte deve ser vista, como um processo globalizante, que permite o desenvolvimento da criatividade, das capacidades de expressão e de comunicação essenciais para o desenvolvimento global da criança, como estipula o Currículo Nacional do Ensino Básico [s/d:149] quando refere que «As artes são elementos

indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno.», além de desenvolverem o pensamento crítico:

A Arte como forma de apreender o Mundo permite desenvolver o pensamento crítico e criativo e a sensibilidade, explorar e transmitir novos valores, entender as diferenças culturais e constituir-se como expressão de cada cultura. [p. 155]

As Artes, pelas diversas experiências que promovem, são essenciais para a formação pessoal do indivíduo, em diversas dimensões: cognitiva, afetiva e comunicativa, será então de grande valia dar a oportunidade de vivenciar diferentes aprendizagens, neste nível de ensino. O ME definiu também um conjunto de competências específicas, comuns e transversais a todas as artes, que se espera que os alunos tenham adquirido no final da escolaridade básica, como refere o Currículo Nacional de Ensino Básico [s/d:149]:

As artes permitem participar em desafios coletivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social, exprimem e enformam a identidade nacional, permitem o entendimento das tradições de outras culturas e são uma área de eleição no âmbito da aprendizagem ao longo da vida.

Ideia corroborada na Declaração Universal dos Direitos do Homem e na Convenção dos Direitos da Criança defendidos pela Unesco no seu programa:

As declarações e convenções internacionais têm por objetivo assegurar para todos, crianças e adultos, o direito à educação e a oportunidades que lhes garantam um desenvolvimento completo e harmonioso e uma participação na vida cultural e artística.¹³

¹³ <http://www.clubeunescoedart.pt/files/livros/roteiro.pdf> consultado em 30 de janeiro de 2012

Após estas referências, reveladoras da importância das artes, pensamos que cabe ao professor do 1º CEB a implementação de todas as opções disponíveis, como a inclusão da prática das expressões a fim de motivar os alunos. As áreas das expressões devem ser opções válidas para um ensino com mais qualidade, contribuindo ao mesmo tempo para desenvolver nos alunos um pensamento crítico.

3.4. A Educação Artística, na turma de 2º ano da EB1 do Sabugal

Como já referimos anteriormente no capítulo II, a professora titular desta turma de 2º ano, não incluía na sua prática educativa as expressões. Assim, estes alunos só tinham a possibilidade de ter contacto com as expressões, apenas nas AEC. As atividades extracurriculares disponíveis para os alunos eram as seguintes: inglês; outras atividades nas quais estavam incluídas as artes plásticas, a expressão musical e a expressão dramática; o apoio ao estudo e a atividade físico-motora. Estas atividades eram disponibilizadas pela escola no horário após as aulas diárias. Para sabermos o número de alunos inscritos nas AEC, realizadas na escola elaborámos o gráfico 4:

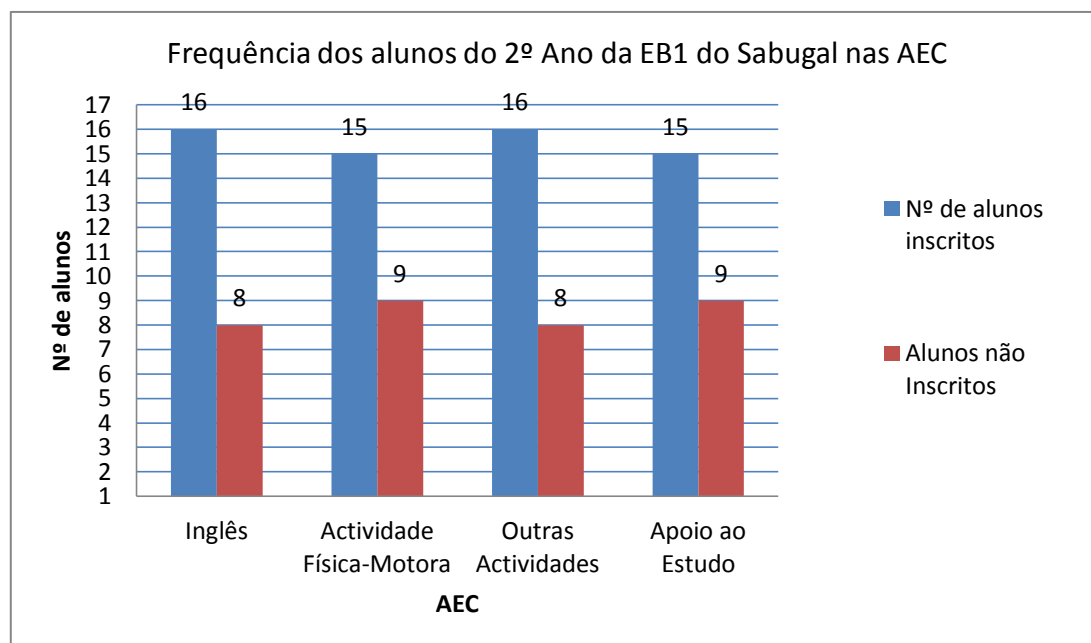


Gráfico 4 – Inscrição dos alunos, nas AEC da EB1 do Sabugal

Fonte: Própria

Como podemos verificar no gráfico 4, estavam inscritos no inglês e em outras atividades um total de dezasseis alunos, na atividade físico-motora estavam inscritos quinze alunos, o mesmo número no apoio ao estudo, número que se explica pelas dificuldades de aprendizagens demonstradas por alguns alunos.

Após a análise deste gráfico tiramos as seguintes conclusões: alguns alunos não tinham acesso às expressões devido ao facto de não estarem inscritos nessas atividades (nove alunos na atividade físico-motora e oito alunos em outras atividades) e a professora não as incluía nas suas aulas. O facto de não serem contempladas as expressões no horário letivo exclui um certo número de crianças da prática do desporto, e outras atividades necessárias ao desenvolvimento da criança conforme é reconhecido pelo Currículo Nacional de Ensino Básico, que anteriormente referimos e recomendado por diversos autores que salientam a importância da arte na concretização de determinados objetivos, como refere Best [1996:138]:

A experiência artística e a criatividade artística são “particulares” a todas as formas de arte. Negar aos estudantes experiências de teatro e de dança é negar-lhes experiências, e não faz sentido dizer que possam ser obtidas a partir de outras formas de arte.

3.5. As Expressões na nossa PES

Com o consentimento da professora Celeste Gonçalves por decisão nossa utilizámos as expressões como nos foi possível fazê-lo. Conseguimos deste modo proporcionar aos alunos a prática da interdisciplinaridade nas diferentes áreas, dando a oportunidade aos alunos de realizarem outras atividades diferentes daquelas que normalmente tinham nas suas aulas. A seguir referimos algumas dessas atividades realizadas nas diferentes práticas das expressões.

3.5.1. Prática da Expressão Plástica

A expressão plástica é uma das formas de expressão mais característica que a criança dispõe. Com ela pode não só observar e manipular os materiais de uma forma criativa, mas exteriorizar a sua própria visão do seu mundo, não se limitando a fazer

apenas o que professor a manda. Assim, a expressão livre permite conhecer-se e dar-se a conhecer, como refere Gonçalves [1991:12]:

Através da expressão livre, a criança não só desenvolve a imaginação e a sensibilidade, como também aprende a conhecer-se e a conhecer os outros, aceitando e respeitando a autenticidade de cada um ou o modo pessoal como cada um se exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações.

Ao mesmo tempo, a expressão plástica é um ótimo meio para a iniciação da criança nas suas aprendizagens básicas: a leitura e a escrita. É através do desenho, da pintura e da modelagem das formas que as crianças conseguem identificar melhor os símbolos gráficos, levando à sua melhor compreensão e utilização.

A prática de expressão plástica foi a mais utilizada durante a nossa PES. Pudemos incluir nesta expressão técnicas como: o desenho, a pintura, o recorte. Estas atividades foram propostas tendo em conta os dias temáticos como o dia da mãe, a Páscoa, ou a chegada da primavera, e não só. Deste modo, no início da primavera realizámos uma atividade com auxílio de material de desperdício tendo utilizado caixas de ovos com as quais se fizeram flores, que os alunos pintaram ao seu gosto. A utilização de materiais de desperdício ou reutilizáveis representa para os alunos uma possibilidade de realizar atividades que de outra forma não seria possível uma vez que nem sempre a escola tem materiais novos para disponibilizar aos alunos. Através da prática da expressão plástica durante estas regências pretendemos desenvolver as capacidades dos alunos, ao nível da motricidade fina, da criatividade, da imaginação e do seu sentido estético, dando-lhes a entender que com materiais reciclados é possível criar, e que qualquer objeto pode servir para desenvolver a criatividade, constatação que já anteriormente Gonçalves [1991:13] assinalava:

Durante muito tempo, a criatividade não foi considerada nas escolas, foi posta de lado, marginalizada, foi observada como uma atividade exclusiva de seres especialmente dotados ou privilegiados.

É pois recomendável proporcionar às crianças a possibilidades de utilizarem as embalagens que lhes são familiares para fins artísticos, utilizando materiais reciclados como por exemplo copos de iogurte, pacotes de leite, entre outros.

Na nossa PES como já referimos realizámos algumas atividades, utilizando estes matérias de desperdício. Os alunos gostaram destas atividades propostas, e entenderam que não são necessários materiais novos, que por vezes são muito caros, para podermos fazer algo diferente, prática já sugerida por Wooff [1982:35, 107] que aconselha:

O aproveitamento dos materiais, como ponto de partida para o desenvolvimento da aptidão estética das crianças, ...Durante o período pós-guerra, muitos professores de artes plásticas eram obrigados a experimentar e a inovar com materiais como papel de jornal, pedaços de cartão e trapos, que custavam pouco dinheiro e permitiam fazer maravilhas com os magros recursos disponíveis.

Ainda na prática da expressão plástica pedimos aos alunos para, na área da língua portuguesa, ilustrarem com um desenho uma parte de um poema. Esses desenhos serviam de prova de avaliação, demonstrando se o aluno tinha compreendido ou não o texto em questão. Interdisciplinaridade que alargamos à área da matemática quando pedimos aos alunos que encontrassem a solução de um problema através do desenho (cf. p. 28 do relatório).

Pensamos que a expressão plástica é a que mais facilmente se adapta a todas as outras áreas. Por falta de tempo não pudemos realizar outras atividades como por exemplo a construção de um cenário para a dramatização de um texto.

3.5.2. Prática da Expressão Dramática

A expressão dramática pode ser utilizada em várias situações. No ensino pré-escolar as crianças gostam bastante de elaborar pequenas dramatizações, vestindo algumas roupas, e normalmente retratam as vivências da sua família, imitando muitas vezes o pai, ou a mãe, brincado ao “faz-de-conta” na “casinha das bonecas” – o local

existente nos jardins-de-infância para esse fim. Sousa [1980:13] refere que através desse jogo do “faz-de-conta” a criança adquire a sua autonomia e forma o seu caráter, acrescentando ainda que a criança se identifica com a personagem que cria:

(...) a criança cria todo um seu mundo de ilusão, fundindo-se intimamente com o ambiente criado pela sua imaginação, identificando-se totalmente com a personagem a que brinca.

Durante a nossa prática constatámos que os alunos apreciavam a dramatização, razão pela qual elaborámos a dramatização dum texto na área de língua portuguesa intitulado “primavera” (cf. p. 61 do relatório). Dramatização que foi feita por toda a turma em pequenos grupos, tendo cada um dramatizado o texto. Esta experiência foi vivida com grande entusiasmo pelos alunos que não esqueceram facilmente essa aula, por lhes ter facilitado alguma liberdade de expressão, e colocarem a timidez de lado. Uma vez mais por falta de tempo não nos foi possível realizar um cenário o que teria permitido a prática da expressão plástica, através da escolha de adereços e figurinos o que teria sido sem dúvida uma atividade marcante para a vida dos alunos, na qual sentiriam enorme prazer ao tratarem de tudo isto.

Ainda na área da língua portuguesa sugerimos um trabalho baseado nos provérbios (cf. p. 100 do relatório), realizando um jogo de mímica que consistia em retirar um papel da caixa por um aluno, mimá-lo através de gestos, devendo depois os alunos adivinhar o seu conteúdo. Alguns alunos não queriam participar nesta atividade, talvez por se sentirem inibidos ou porque nunca tinha realizado atividade deste género, mas incentivados por nós, acabaram por realizar a atividade.

A prática da expressão dramática é bastante flexível e abrangente e, através de diferentes atividades podemos promover a socialização, a integração, favorecendo ainda diferentes tipos de aprendizagens tanto ao nível cognitivo, afetivo, sensorial, emocional e motor. É um instrumento de educação que deveríamos utilizar mais vezes, constitui um importante contributo para a estruturação do processo de aquisição de aprendizagens a todos os níveis. Se integrarmos esta prática, os alunos terão muito a ganhar, especialmente os mais tímidos, que se vão desinibindo aos poucos, como nos aconteceu na nossa prática. Este é um processo longo não podemos querer fazer tudo de uma só

vez, não podemos em poucos minutos transformar uma criança tímida numa criança desinibida, este não é um processo fácil, mas se ao longo do ano tentarmos colocar na prática esta expressão, veremos com certeza a transformação dessas crianças. [Rooyackers, 2002:17, 18]

3.5.3. Prática da Expressão Musical

Dada a importância da expressão musical como forma de comunicação, com as suas características próprias e o seu inegável contributo para o desenvolvimento da formação da criança, a música deve ser proporcionada à criança de forma a poder familiarizar-se com ela, pois só com a prática contínua as crianças poderão beneficiar com este tipo de expressão.

Foi por isso que na nossa prática incluímos a expressão musical devidamente planeada e contextualizada. Pudemos assim ensinar algumas canções aos alunos, explorando “a voz” é um «Instrumento primordial, é, na criança, um modo natural de se expressar e comunicar, marcado pela vivência familiar e pela cultura.» como nos refere a Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo [2004:68] o que nos deu a oportunidade de criar interdisciplinaridade com a área de estudo do meio, tendo como ponto de partida a canção intitulada “A banda dos animais” (cf. p. 47 do relatório). Interdisciplinaridade que alargámos à área da língua portuguesa, tendo a expressão musical sido um fator motivador para a aprendizagem dos alunos. O gosto que os alunos têm pela música é natural. Elas gostam de cantar e de ouvir música, como gostam também de ouvir diferentes tipos de sons como: o ruído da água a correr, o barulho dos aviões, e conseguir identificá-los. Para além disso, a música é um importante processo de construção do conhecimento, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade, do sentido rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, da memória, da concentração e atenção, do respeito ao próximo, da socialização e da afetividade.

Durante estas regências poderíamos ter realizado outro tipo de atividades que constam na Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo como: exercícios de ritmo, danças, a ginástica rítmica entre outras atividades, estas

desenvolvem sentimentos coletivos e de autocontrole, disciplinam os movimentos do corpo, os gestos e as atitudes e contribuem para uma harmonia corporal e afetiva.

3.5.4. Prática da Expressão Físico Motora

A prática da expressão físico-motora pretende promover o desenvolvimento global e harmonioso dos alunos, através da prática de diferentes e diversificadas atividades físicas, uma vez que inclui as mais diversas experiências tais como: jogos, ginástica, atletismo, danças, atividades de exploração da natureza, que visam contribuir para um desenvolvimento físico e mental, trabalhando a atenção, a coordenação, a imaginação, entre outros. Tem também em vista a aquisição de destrezas motoras, hábitos e atitudes indispensáveis para a sua vida – isto alcança-se através dos jogos com as regras a que lhes estão associadas. Opinião também partilhada por Reis [2003:182] que afirma:

(...) os jogos de movimento com regras progressivamente mais complexas são ocasiões de controlo motor e de socialização, de compreensão e aceitação das regras e de alargamento da linguagem.

Durante a nossa prática esta foi a expressão menos utilizada, por falta de tempo, facto que lamentamos, pois proporciona um conjunto de atividades que se podem integrar perfeitamente nas diversas matérias, através de jogos incutimos aos alunos regras. A vida é feita de regras e por vezes os alunos percebem melhor isso, através dos jogos. Na nossa prática realizámos apenas um jogo, e outro foi planificado, mas não conseguimos realizá-lo, devido à falta de tempo. O jogo que realizámos, “Jogo dos sentidos”, consistia em identificar algumas plantas aromáticas e medicinais, através do olfato e do tato. Após todos os alunos terem manipulado estas plantas, colocámos uma venda a um deles, e este teria que adivinhar qual era a planta, através dos sentidos. Esta atividade foi do agrado dos alunos, e a forma que descrevemos foi a que escolhemos para falar acerca das plantas.

Durante todas estas regências com a inclusão das expressões na sala de aula verificámos que os alunos com mais dificuldades de aprendizagem ficaram muito mais motivados e predispostos a aprender. Achamos que se houvesse uma continuidade

destas práticas os alunos seriam mais aplicados nos seus estudos, pelo menos foi o que constatamos durante a nossa PES.

3.6. Implicação para a nossa prática profissional

A importância das expressões é fundamental no desenvolvimento afetivo, social e intelectual dos alunos, na medida em que lhes dá a possibilidade de comunicar e interpretar o mundo, de estruturar e exprimir o seu pensamento, de criar, de desenvolver o seu equilíbrio emocional, de formar o seu carácter e de afirmar a sua própria identidade, foi por nós confirmada durante a nossa prática, cada uma com a sua dimensão, com o seu grau de importância, contribuem de uma ou de outra forma para o desenvolvimento afetivo, social e intelectual das crianças, para além de desenvolver o seu equilíbrio emocional, de formar o seu carácter e de afirmar a sua própria identidade, como refere Reis [2003:41] quando aconselha que as expressões se devem integrar na educação global da criança:

As expressões literária e verbal, plástica e visual, musical e corporal, devem integrar-se na educação quer da criança desde os seus primeiros passos, quer do jovem ou adulto. Conseguir-lo é um desafio e requer profundos conhecimentos de Psicologia, Arte, Educação, Ciência, e em particular, do meio circundante.

Pela nossa parte pensamos que as artes, mesmo se por vezes não são muito bem vistas, não se lhe dá a devida importância, elas são essenciais para a evolução do aluno, no seu processo de aprendizagem. As expressões quando criadoras de interdisciplinaridade que se pode estender a todas as áreas tornam-se um fator motivador para a aprendizagem. Mesmo se, por vezes, o professor de 1º CEB se queixa da falta de tempo para a realização de atividades diferentes utilizando as expressões, na nossa opinião seria mais proveitoso despertar o interesse dos alunos para as diversas matérias com as expressões e aí não seria uma perda de tempo, mas sim uma mais-valia para a aprendizagem.

CONCLUSÃO

Neste relatório que descreve a nossa prática de ensino supervisionada, depois de termos contextualizado e caracterizado a instituição onde decorreu a experiência que aqui relatamos e feita a análise da turma com quem realizámos as nossas regências, propomos uma reflexão sobre a nossa prática de ensino supervisionada da qual tiramos as seguintes conclusões: a razão de ser da escola é a educação, mas é também necessário incentivar a criança a exprimir-se, a dar forma ao seu desejo, e encontrar o seu estilo próprio na expressão criativa do seu imaginário. Para tal pensamos que se deve estimular o desenvolvimento das atividades lúdicas e artísticas, integrando-as no processo de ensino e aprendizagem. No entanto, a nossa experiência mostrou-nos que ainda estamos longe deste ideal pois constatamos que para lecionar atividades artísticas é necessário uma formação específica que deveria estar ao alcance de todos o que ainda não acontece. A prática pedagógica de alguns dos atuais professores do 1.º CEB beneficiaria se às suas competências estes juntassem as de outros profissionais das áreas das expressões artísticas.

Ser professor significa hoje em dia não ficar estático, recorrer à formação para melhorar a sua prática no ensino pré-escolar e ensino básico que representam as primeiras e decisivas etapas para o desenvolvimento dos alunos.

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, V. (1985). *Sabugal – Terra e Gentes*. Sabugal: Edição da Câmara Municipal do Sabugal.
- BARRAL, M. (1983). *Aproveitamento de desperdícios*. Aveiro: Básica Editora.
- BEJA, C. et al (1993). *Jogos e Projetos de Expressão Dramática*. Porto: Porto Editora.
- BEST, D. (1996). *A racionalidade do sentimento – O papel das Artes na Educação*. Porto: Edições Asa.
- CAVALCANTI, Z. (1995). *Arte na sala de aula*. (s/l): Editora Artes Médicas Sul Ltda.
- COSTA, J. (1997). *O projeto educativo da escola e as políticas educativas locais: discursos e práticas*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- DIAS, A., et al (1998). *Autonomia das escolas – Um desafio*. Lisboa: Texto Editora.
- ELKIND, D. (1976). *Desenvolvimento e educação da criança: aplicação de Piaget na sala de aula*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Enciclopédia de Educação infantil (1997). *Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar - Expressão Plástica Volume V*. Rio de Mouro: Nova Presença.
- FAURE, G. (2000). *O jogo dramático na escola primária*. Lisboa: Editorial Estampa.
- GAGNARD, M. (1974). *Iniciação Musical dos Jovens*. Lisboa: Editorial Estampa.
- GONÇALVES, E. (1991). *A Arte descobre a criança*. 1ª Edição, (s/l): Raiz Editora.
- LEENHARDT, P. (1974). *A Criança e a Expressão Dramática*. Lisboa: Editorial Estampa.
- MARTINS, A. (2002). *Didáticas das Expressões*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Departamento de Educação Básica/Núcleo de Educação Pré-Escolar.
- Ministério da Educação (2000). *A Educação Artística e a Promoção das Artes na Perspetiva das Políticas Públicas: Relatório do Grupo de Contacto entre os Ministérios da Educação e da Cultura*. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura.

- Ministério da Educação (2002). *Organização curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo*. 4ª Edição. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (2004). *Organização curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo*. 4ª Edição. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (s/d). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais* Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- Noesis nº 76 (2003) janeiro/março.
- Noesis nº 81 (2010) abril/junho.
- POMBO, O. et al (1993). *A interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editora.
- REIS, R. (2003). *Educação pela Arte*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Revista Portuguesa de Pedagogia (2008) Ano 42-3. *Tecnologias Educacionais e da Comunicação*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Revista Portuguesa de Pedagogia (2009) Ano 43-1. *O uso dos jogos teatrais na educação: possibilidades diante do fracasso escolar*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
- ROOYACKERS, P. (2002). *101 jogos dramáticos*. Lisboa: Asa Editores.
- RYNGAERT, J.P. (1981). *O jogo dramático no meio escolar*. Coimbra: Centelha Editora.
- SANTOS, A. (1977). *Perspetivas Psicopedagógicas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SOUSA, A. (1979a). *A Educação pelo Movimento Expressivo Movimento-Música-Drama*. Aveiro: Básica Editora.
- SOUSA, A. (1979b). *Coleção Tempos Livres, Jogos de Expressão Dramática*. Editorial Futura.
- SOUSA, A. (1980). *A Expressão Dramática – Imitação – Mímica - Expressão Oral-Improvisação e Dramatização*. Aveiro: Básica Editora.
- SOUSA, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. (s/l): Horizontes Pedagógicos.
- SOUSA, R. (1995). *Didática da Educação Visual*. Lisboa: Universidade Aberta.
- STERN, A. (1974). *A Expressão*. Porto: Livraria Civilização.

- STERN, A. (1977). *Iniciação à educação criadora*. Lisboa: Sociocultur Editora.
- VALSASSINA, M. (1998). *Técnicas de desenho, Pintura e Trabalho Manual*. Lisboa: Quatro Margens Editora.
- WOOFF, T. (1982). *Educação Visual no Primário e no Secundário*. Lisboa: Livros Horizonte.
- YENDT, M. (1974). *A criança e a expressão dramática*. (s/l): Editorial Presença.

Webgrafia

- <http://dre.pt/pdf1sdip/1998/05/102A01/00020015.pdf>, consultado a 22 maio de 2011.
- http://redesocial.cmsabugal.pt/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=27&Itemid=47, consultado a 3 de março de 2011.
- <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7293>, consultado a 20 de junho de 2011.
- <http://www.cnpd.pt/bin/legis/nacional/Lei12-2005.pdf> consultado a 10 de março de 2011.
- <http://www.dges.mctes.pt/NR/rdonlyres/283BAF87-01C8-4EF4-A169-694533E63B0D/612/LeideBases4686.pdf>, consultado a 25 de maio de 2011
- <http://www.educacao-artistica.gov.pt/documentos/legisla%C3%A7%C3%A3o/344-1990.pdf>, consultado a 9 de março de 2011.
- http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-5572004000100007&script=sci_arttext, consultado a 13 de agosto de 2011.